

Passados traumáticos na autobiografia de Solomon Northup: uma análise do romance *Doze anos de escravidão* (2014)¹

Maurílio Alves Rocha Júnior²

Resumo: Este trabalho analisa o romance autobiográfico *Doze anos de escravidão* (2014), observando os relatos da personagem Solomon Northup quando fora confundido como escravo nos anos de 1841 e posteriormente resgatado em 1853 perto de uma plantação de Algodão em Lousiana. Metodologicamente este artigo está desencadeado na leitura e interpretação da obra, pesquisas bibliográficas com temas relacionados: depoimentos, história e memória traumática. Como também apresentando um levantamento de uma hipótese sobre relatos de passados traumáticos da personagem. Como fundamentação teórica foram utilizados os estudos de Anna Faedrich Martins (2011), Eurídice Figueiredo (2007), Linda Anderson (2011), Ligia Ferreira (2006), Paul Ricoeur (2008) e entre outros pesquisadores do campo da memória, história e autobiografias. Conclui-se que a personagem principal do romance em questão além de narrar seu passado traumático também narra histórias dos outros escravos.

Palavras-Chave: Romance autobiográfico;. Depoimentos. Passado traumático.

Abstract: This work analyzes the autobiographical novel *Twelve Years of Slavery* (2014), observing the accounts of the character Solomon Northup when he was confused as a slave in the years of 1841 and later rescued in 1853 near a plantation of Cotton in Louisiana. Methodologically this article is triggered in the reading and interpretation of the work, bibliographical research with related themes: testimonies, history and traumatic memory. As well as presenting a survey of a hypothesis about reports of the character's traumatic past. As a theoretical basis, the studies of Anna Faedrich Martins (2011), Eurídice Figueiredo (2007), Linda Anderson (2011), Ligia Ferreira (2006), Paul Ricoeur (2008) and among others researchers in the field of memory, history and autobiography. It turns out that the main character of the novel in question besides narrating his traumatic past also tells stories of the other slaves.

Key-Words: Autobiographical novel. Depositions. Traumatic past.

¹ Esta análise foi desenvolvida a partir das aulas interessantíssimas da disciplina de **TÓPICOS ESPECIAIS EM LITERATURA: TEORIAS DA AUTOBIOGRAFIA** no curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

² Licenciado em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. (UNILAB). Atualmente é Professor da Escola de Ensino Médio Professor Milton Façanha Abreu (MFA), localizada no município de Mulungu, estado do Ceará. E-mail: maurilioalvesrocha@gmail.com

1. Introdução:

Com o surgimento dos movimentos de negritude, resistência contra o *apartheid* e a luta política dos negros contra a colonização e o poder de alienação branco europeu, os negros começaram a lutar contra o racismo e as atitudes sombrias da “*White patriarchal Law*”³ (ANDERSON, 2011, p. 127).

Ao ganhar espaço na sociedade as vozes negras podem ser vistas nas literaturas, agora marcadas com narrativas de resistência contra qualquer forma de opressão. Essas vozes inscrevem seus traumas, medos e vivências dos séculos sombrios, como também um espaço de denúncia contra as atrocidades da sociedade patriarcal branca.

Tais discursos, marcados com sofrimentos e injustiça contra o negro, podem ser vistos no romance artístico *Doze anos de escravidão* (2014), de Solomon Northup. Esta obra apresenta fatos reais, numa forma de autobiografia tradicional, marcada com uma personagem que conta sua história em primeira pessoa. Solomon, a personagem principal, é sequestrada em Washington, em 1841, e resgatada em 1853, numa plantação de algodão em Louisiana, nos Estados Unidos. Neste artigo, analiso a narrativa autobiográfica de Solomon Northup a partir de seu depoimento sobre o seu passado traumático nos anos de 1841 quando foi sequestrado e posteriormente escravizado.

Metodologicamente, o discurso se dará a partir da análise do romance, com pesquisa bibliográfica e levantamento de uma hipótese sobre o ato de narrar, por meio do romance autobiográfico, o passado traumático da personagem e de outros escravizados.

Como referência teórica, este artigo está sustentado nas perspectivas de Linda Anderson (2011), Eurídice Figueiredo (2007), Anna Faedrich Martins (2011), Ligia Ferreira (2006), Paul Ricoeur (2008) e entre outros estudiosos que trabalham com pesquisas de testemunho, passados traumáticos, autobiografia, memória e política.

A importância de analisar o romance autobiográfico sob essas perspectivas é que o romance é marcado por momentos traumáticos, como também aponta vivências de outros escravos que conviveram com a personagem, tornando essa obra de arte com um posicionamento centrado na representação do que foi o processo de escravidão.

³ “Lei patriarcal branca” (tradução nossa). A importância desta referência é de que, no último capítulo “*Practicing autobiography*”, autora Linda Anderson apresenta um posicionamento de que a crítica pessoal era marcada somente com as leis brancas, numa sociedade machista, somente quem redige as leis são homens brancos, tal como, no processo de escravidão, somente quem era provido de liberdade e poder na sociedade eram os homens brancos capitalistas com sua lei patriarcal branca.

2. Passados Traumáticos na obra de Solomon Northup:

No romance em questão é Solomon Northup, a personagem principal, que insere suas memórias para a construção da obra autobiográfica tradicional apresentando suas lembranças vividas de um século sombrio.

Compreende-se como autobiografia tradicional a partir das perspectivas de Man, citado por Beatriz Sarlo (2007) que aponta:

“[...] tudo o que uma “autobiografia” consegue mostrar é a estrutura especular em que alguém, que se diz chamar eu, toma-se como objeto. Isso quer dizer que esse eu textual põe em cena um eu ausente, e cobre seu rosto com essa máscara” (MAN apud SARLO, 2007, p. 31)

A personagem principal descreve que era um homem negro livre na cidade de Nova York tinha uma mulher e três filhos Elizabeth, Margaret e Alonzo. Descreve que estava conversando com as únicas pessoas que conhecia em Washington, Brown e Amilton. E nesta conversa, Solomon Northup embriaga-se acabando ficando nostálgico e sem controle do próprio corpo. Após essa cena é sequestrado.

Após os fatos indicados, a personagem principal é vendida, de uma forma ilegal, aos comerciantes de escravos e, deixa de ser um homem livre e passa a tornar-se um escravizado. Após uma noite conturbada e cheia de incógnitas, Solomon retorna a sua consciência e percebe que está com as mãos algemadas: “Em torno de meus tornozelos havia um par de pesados grilhões” (SOLOMON, 2014, p. 33).

A personagem principal do romance em questão descreve a sua decepção quanto à virada da vida de uma pessoa livre para sequestrada, isto é, que tem sua identidade de um negro livre sequestrada: “Não era possível um cidadão livre de Nova York, que não fizera mal a nenhum homem, tampouco violara qualquer lei, ser tratado de forma desumana.” (Idem, p. 34). Nesta citação, verifica-se uma linguagem marcada pela dúvida e o medo do acontecimento. No decorrer da narração, também pode-se observar o desalento e a realidade traumática do sujeito.

Através das narrativas no romance, percebe-se que Solomon foi confundido com um escravo e logo consagrado com uma nova identidade, Platt. A personagem rejeitou a sua nova identidade, como também o lugar apresentado pelos escravagistas. Entretanto, a todo o momento em que a personagem rejeitava o nome e o meio, recebia agressões

físicas. Com isto, percebe-se o efeito da escravidão: apagar as marcas do passado, tentando assimilar o sujeito com uma identidade escrava.

Pode-se perceber a troca de identidades na seguinte passagem: “Seu nome é Platt. Você combina com a descrição que eu tenho. ‘Porque não se apresenta?’ perguntou para mim, num tom de voz bravo” (Idem, p. 63)

Em controvérsia disto, a personagem principal contará de forma linear os acontecimentos da vida de um ex-liberto que passou a ser escravo. Mas Solomon não contará somente as suas más lembranças, ou seja, os fantasmas de quando se passava por Platt, entretanto, também as histórias dos outros escravizados.

Solomon é o canal de comunicação que dá voz aos outros escravos que não tiveram a oportunidade de narrar pela via da literatura as suas memórias traumáticas, como se o romance fosse uma cápsula de memórias, isto é, um compartimento de lembranças, tendo em vista que a personagem narra sua história e a dos outros⁴.

Helene já descrevia que todas as biografias, como todas as autobiografias, como todas as narrativas, contam uma história do outro: “*All biographies like all autobiographies like all narratives tell on story in place of another*” (HELENE CIXOUS apud ANDERSON, 2011, p. 01)

Como a exemplo da tristeza de Eliza por perder seus dois filhos, Emyle e Randall, no comércio escravo. Randall foi vendido para um Baton Rouge, o mesmo homem que comprou Lethe. Randall foi submetido a fazer vários movimentos humilhantes para saber se estava apto para o vendedor ou não. Quanto à Emyle, ela ficou com o seu dono, o Senhor Theophillus Freeman, pois o próprio acreditava que Emyle daria muitas moedas, com a cobiça de olhares burgueses.

Já a mãe das duas crianças “mantinha-se aos prantos e torcia as mãos” (Idem, p. 68) em saber que os filhos seriam todos separados. Eliza foi comprada pelo mesmo comprador de Solomon, Emmy e Harry, chamado de William Ford. A pobre mãe implorou ao cavalheiro que comprasse também os seus filhos, pois não queria dividir a família, mas nada adiantou. O seu novo dono apenas dissera que não tinha mais quantia para comprar todos.

⁴ Ricouer (1994) argumenta que, contando histórias, dê-se conta da criação de uma identidade própria.

Assim a personagem Eliza: “correu na direção do filho; abraçou-o apaixonadamente; beijou-o várias vezes; disse-lhe para se lembrar dela – enquanto suas lágrimas inundavam o rosto do menino como chuva” (Idem, p. 69)

Nota-se a marca de destruição humana através dos passados traumáticos na personagem Solomon. As narrativas não apresentam nenhum ar de emoções afetuosas, como uma descrição de empatia com a felicidade, mas sim uma escrita, depoimentos memorialistas com traumas mais sombrios.

Dori Laub afirma que “*testimonies are not monologues*” (FELMAN e LAUB, 1992, p. 70-71 apud ANDERSON, 2015, p. 130), não são conversas espontâneas, mas um momento no qual o sujeito coloca em jogo a sua vivência traumática enquanto o outro, que assista à saída do trauma, é o ouvinte. É esse ouvinte quem ficará até o ponto de toda a saída dos traumas.

O mesmo acontece na obra de Solomon. Os leitores da obra são submetidos a ler (ouvir de modo geral) a vivência traumática da personagem. É a partir de tal vivência que o leitor conseguirá entender o que aconteceu, de modo extremo, da vida de Northup.

Outro caso é o que está em torno da discussão da obra de Linda Anderson (2011) e que pode ser interpretado na obra em questão: todas as testemunhas, quando contam um trauma, não contam todas as atrocidades, pois, na maioria das vezes, irão esquecer ou bloquear alguns momentos da sua vida. O ouvinte deve, então, atentar-se de que a saída do trauma não está somente naquelas declarações.

Como explana Felman e Canty Caruth⁵, citado por Anderson. Canthy vai descrever que a memória traumática pertence a uma parte do cérebro que está subentendida que, na maioria das vezes, é retornada através de *feedbacks* de memórias e sonhos e que a qualquer momento pode entrar num ponto crítico⁶.

Anderson descreve: “*For Caruth the traumatic or history of themselves because it was not fully experienced at the time it happened; nor is fully comprehended when it is re-enacted in the present.*” (ANDERSON, 2011, p. 131)

Além dos relatos presenciados na obra, Solomon deve ter contado outras vivências além do que está escrito no romance autobiográfico, isto é, outros eventos sociais vividos, tendo em vista que a memória é falha e que a maioria dos traumas não mostra “a

⁵ São psicanalistas e trabalham com testemunho, trauma e memória.

⁶ Como se fosse o saqueamento do cavalo de Tróia: a qualquer momento a carcaça pode romper-se e sair inúmeros problemas.

completed statement, a totalizable account of those events” (FELMAN e LAUB, 1992, p. 05 apud ANDERSON, 2015, p. 130).

Portanto o que o ex-escravizado Solomon vivenciou durante os doze anos serviu como prova de que a escravidão existiu. Conforme David Wilson descreve no prefácio da obra, que Northup teve muita sorte de ter sido escravo de vários senhores durante os Doze anos.

É como Georg Lukács (2009) argumenta sobre as diversas formas de experiências, seja as perversas ou agradáveis, nelas tem-se sempre uma reflexão sobre aquele determinado momento:

Inventamos a configuração: eis por que falta sempre o último arremate a tudo que nossas mãos, cansadas e sem esperanças, largam pelo caminho. Descobrimos em nós a única substância verdadeira: eis por que tivemos que cavar abismos intransponíveis entre fazer e conhecer, entre a alma e estrutura, entre eu e mundo, e permitir que, na outra margem do abismo, toda a substancialidade se dissipa em reflexão; (p. 30)

Outro posicionamento está centrado na comoção em apresentar uma vida marcada pela dor, como também apresentar de que nem todos os donos de escravos eram pessoas muito maldosas, irracionais, mas existiam donos que tratavam seus escravos de uma forma menos dolorosa, como o tratamento que teve em Pine Woods com o Senhor William Ford.

Solomon declara a sua posição quanto ao tratamento de William Ford:

“[...] fui escravo seu durante certo tempo e tive a oportunidade de conhecer bem sua personalidade e seu caráter, e nada mais faço senão justiça quando digo que, em minha opinião, nunca houve um cristão mais gentil, nobre, cândido do que William Ford” (Idem, p. 76)

Como também David Wilson (2015) apresenta no prefácio:

“O tratamento que recebeu em Pine Woods mostra que entre senhores de escravos há homens capazes de humanidade e homens capazes de crueldade. Alguns são tratados com sentimento de gratidão – outros, com amargura.” (p. 01)⁷

Entende-se que o romance de Northup tem uma marca de apresentar sua história para o mundo. A importância de comover e apontar uma das realidades traumáticas vivenciadas é que outros podem também testemunhar os seus traumas marcantes de sua vida ao público leitor pela via da literatura.

⁷ Esta e outras citações sobre as notas de David Wilson no romance aqui analisado estão presentes na introdução, prefácio do livro.

Como aponta a estudiosa Anderson sobre a importância de narrar um passado traumático ao mundo: “*testimony elsewhere has also used politically, with the conscious intent of creating a collective archive for the future, and influencing political institutions*”⁸ (p. 136)

3. Considerações Finais:

Portanto percebe-se que *Doze anos de escravidão* tem uma intenção de descrever que o processo de escravidão existiu sim (com suas torturas e falta de dignidade) e que sua figura simbólica ainda continua canalizando lágrimas inocentes de homens e mulheres negras que são confundidas com seres inferiores em tempos contemporâneos.

A personagem principal que emprestou suas memórias para a construção do romance autobiográfico foi como o intercessor dos escravizados, uma vez que vivenciou os segredos dos seus irmãos aprisionados num sistema de colonização branca. Da injustiça feita pelas próprias mãos de homens brancos.

Conclui-se essa breve análise com um posicionamento de Barthes, que é meu direito político ter um assunto que devo proteger: “*it is my political right to be a subject which I must protect.*” (apud ANDERSON, 2011, p. 01). Isto é: a personagem principal não contou todas as suas vivências nesses anos de escravidão, tendo em vista que as realidades vivenciadas foram múltiplas e que eles não caberiam nesse romance.

Como afirma Wilson no prefácio da obra:

Muitas das declarações contidas nas páginas seguintes foram corroboradas por evidências abundantes — outras repousam apenas sobre a palavra de Solomon. Quanto a se ele aderiu estritamente à verdade, ao menos o editor, que teve a oportunidade de detectar qualquer contradição ou discrepância em suas declarações, está bem satisfeito. Solomon invariavelmente repetiu a mesma história sem se desviar do menor detalhe, e repassou cuidadosamente o manuscrito, ordenando uma mudança sempre que detectada a mínima imprecisão que fosse (idem, p. 01)

⁸ “Depoimento em outros lugares também tem sido usada politicamente, com a intenção consciente de criação de um arquivo coletivo para o futuro, e influenciar as instituições” (ANDERSON, 2011, p. 136) tradução nossa.

4. Referências Bibliográficas:

ANDERSON, Linda. **Autobiography**. 2 ed. USA and Canada: Routledge, 2011. 161 p.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Dany Laferrière: Autobiografia, ficção ou autoficção?**.

INTERFACES BRASIL/CANADÁ, RIO GRANDE, N. 7, 2007. Disponível em:

<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:b7VVpmwaUFwJ:https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/download/6938/4746+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

LUCÁKS, Georg. **A teoria do romance**. 2. ed. São Paulo: Editora Duas Cidades; Editora 34, 2009.

MARTINS, Ana Faedrich. Uma discussão teórica acerca da autoficção: a ficcionalização de si em O filho eterno, de Cristovão Tezza. **Letrônica**, v. 4, n. 1, p. 181 - 195, junho 2011.

Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7984/6398>>. Acesso em: 23 mar. 2018

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: UNICAMP, 2008. p. 48.

_____. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papius, 1994.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOLOMON, Northup. **Doze anos de escravidão**. Tradução de Caroline Chang. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2014. 273 p.